

Derivações sintácticas e interpretação semântica

Fátima Oliveira (U. do Porto/CLUP)

Inês Duarte (U. de Lisboa/Onset-CEL)

Maria João Freitas (U. de Lisboa/Onset-CEL)

Anabela Gonçalves (U. de Lisboa/Onset-CEL)

Matilde Miguel, Celeste Rodrigues (U. do Porto/CLUL)



1 O problema

É comum na literatura de Semântica invocar o papel dos predicados¹ na interpretação dos DPs sujeitos e das frases (Carlson 1977, Chierchia 1995, Kratzer 1995, Krifka et al. 1995, Kiss 1998, e.o.).

Têm sido salientados como factores determinantes de leituras específicas *vs.* não específicas, genéricas *vs.* existenciais, habituais e genéricas-distributivas a natureza do predicado — *i(individual)-level*, *s(tage)-level* ou ainda *k(ind)-level* — e o seu valor aspectual (estativo ou eventivo) (Oliveira e Cunha, 2003).

De facto, frases como (1) a (4) mostram que a leitura do DP *as baleias* depende do tipo de predicado (cf. (1) *vs.* (2)) e da informação aspectual veiculada pelo tempo verbal de forma a obter uma leitura habitual ((3) *vs.* (4)).

- (1) As baleias são inteligentes.
- (2) As baleias estão ao largo da baía.
- (3) As baleias apareceram na baía na estação fria.
- (4) As baleias aparecem na baía na estação fria.

¹ Neste trabalho, o termo 'predicado' será usado ambigualmente para designar: (a) verbos combinados com os complementos respectivos e com eventuais modificadores, i.e., VPs; (b) a projecção funcional intermédia para o núcleo da qual o verbo se move.

Além disso, a construção de predicados com *ser/estar* só em alguns casos está associada ao léxico, dependendo muitas vezes do tipo de predicção que se pretende construir, o que tem consequências evidentes para a leitura do DP sujeito, como se pode observar pela diferença de interpretação entre os exemplos (5) e (6):

- (5) Os lobos são agressivos.
- (6) Os lobos estão agressivos.

Contudo, para além de propostas nas linhas das de Diesing (1992), são poucos os trabalhos que procuram precisar o tipo de informação decisiva para a atribuição de tais interpretações que deve estar presente na derivação sintáctica, bem como o modo como tal informação é computada na parte sintáctica da gramática, de forma a que a semântica possa derivar composicionalmente as interpretações relevantes.

Neste contexto, são objectivos do presente trabalho:

- (i) propor uma geometria de traços que permita caracterizar as propriedades dos predicados relevantes para a atribuição das interpretações acima referidas, alargando a outras categorias trabalhos como os de Harley & Ritter (2000) e, para o português, Duarte et al. (2002);
- (ii) discutir a localização dos vários domínios de traços da geometria proposta na derivação sintáctica (nos núcleos funcionais T, v, D; em núcleos lexicais como N e V, quando herdados do léxico);
- (iii) argumentar a favor do papel da operação sintáctica *Agree* na computação de tais traços (cf. Chomsky, 2001);
- (iv) sugerir o modo como a semântica deriva composicionalmente as interpretações requeridas a partir da informação presente na derivação sintáctica.

Neste trabalho serão apenas considerados DPs sujeito definidos, deixando para posterior investigação a derivação sintáctica que suporta as interpretações de frases com sujeitos indefinidos e com sujeitos constituídos por nomes simples.

2. Critérios para a distinção dos conceitos semânticos relevantes

Nesta secção, apresentaremos os testes relevantes para a distinção entre predicados de indivíduo e de fase e introduziremos os conceitos de estado faseável e estado não faseável.

2.1 *Predicados de indivíduo (i-level) vs. de fase (s-level)*

Estes dois tipos de predicados têm um comportamento distinto quando combinados com (i) adverbiais de duração e de localização temporal, (ii) advérbios de quantificação como *sempre que* e (iii) quando se encontram sob o escopo do operador *passar a* (Oliveira e Cunha, 2003). Assim, os predicados de indivíduo não admitem modificação através de adverbiais de duração e de localização temporal (cf. (7)-(8)) nem advérbios de quantificação como *sempre que* (cf. (9)); pelo contrário são legítimos sob o escopo do operador *passar a* (cf. (10)).

- (7) *O João foi alto na semana passada.
- (8) *O João foi/era alto às duas da tarde.
- (9) *Sempre que o João é alto, joga na equipa de basquetebol.
- (10) O João passou a ser alto (desde que foi para a praia todos os Verões).

Por seu lado, os predicados de fase podem combinar-se com adverbiais de duração e de localização temporal (cf. (11)-(12)) e com advérbios de quantificação como *sempre que* (cf. (13)), mas não podem ocorrer no escopo do operador *passar a* (cf. (14)).

- (11) A Maria esteve doente na semana passada.
- (12) A Maria esteve/estava doente às duas da manhã.
- (13) Sempre que a Maria está doente, toma chá de limão com mel.
- (14)* A Maria passou a estar doente. (agramatical na leitura não habitual)

Como os exemplos (15) a (17) mostram, as *frases habituais* comportam-se de forma semelhante a predicados de indivíduo, ou seja, manifestam idênticas restrições com adverbiais de localização temporal (cf. (15)), não admitem advérbios de quantificação como *sempre que* (cf. (16)) e podem ocorrer sob o escopo do operador *passar a* (cf. (17)).

- (15)* Ontem, o João ia ao cinema habitualmente.
- (16)* Sempre que o João ia ao cinema habitualmente, atrasava os seus trabalhos.
- (17) O João passou a ir ao cinema habitualmente.

Note-se, finalmente, que a distinção entre *ser* e *estar* é, em português, suporte da oposição entre estados de indivíduo e estados de fase, como os exemplos (18) e (19) ilustram.

(18) Os gnus são herbívoros. (leitura de espécie)

(19)* Os gnus estão deitados. (agramatical na leitura de espécie)

2.2 Estados faseáveis vs. estados não faseáveis

Cunha (1998, 2004) argumenta a favor da distinção entre estados faseáveis ([+ *phase*]) e estados não faseáveis ([- *phase*]), mostrando que os seguintes critérios, baseados em Dowty (1979), permitem distinguir estados de eventos e considerar que os estados faseáveis se aproximam de eventos, contrariamente aos não faseáveis:

(i) Ocorrência no progressivo: * [- *phase*] vs. OK. [+ *phase*]

(20)* O Rui está a ser português.

(21) O Rui está a ser cuidadoso.

(ii) Imperativo: * [- *phase*] vs. OK. [+ *phase*]

(22)* Rui, sê português!²

(23) Rui, sê cuidadoso!

(iii) Adverbiais orientados para o agente: * [- *phase*] vs. OK. [+ *phase*]

(24)* O Rui foi propositadamente português.

(25) O Rui foi propositadamente cuidadoso.

(iv) Ocorrência em frases seleccionadas por verbos do tipo de *pedir* / *persuadir*: * [- *phase*] vs. OK. [+ *phase*]

(26)* A Maria pediu ao Rui para ser português.

(27) A Maria pediu ao Rui para ser cuidadoso.

(v) Co-ocorrência com *habitualmente*: * [- *phase*] vs. OK. [+ *phase*]

(28)* O Rui é habitualmente português.

² Agramatical na interpretação de 'português' como adjectivo de nacionalidade.

(29) O Rui é habitualmente cuidadoso.

(vi) Ocorrência em frases superiores contendo adverbiais temporais: * [- phase] vs. OK. [+ phase]

(30)* Quando nasceu, o Rui foi português

(31) Quando chegou àquela zona da cidade, o Rui foi cuidadoso.

A oposição faseável / não faseável possibilita a formulação das seguintes generalizações relativas à interpretação do DP sujeito:

(i) Quando combinado com predicados de estado faseáveis que mantenham a sua natureza estativa, o DP sujeito pode receber uma interpretação de espécie (cf. (32), (33)).

(32) O(s) lobo(s) é/são agressivo(s).

(33) O(s) coelho(s) é/são guloso(s).

(ii) Quando combinado com predicados de estado faseáveis obrigatoriamente convertidos em eventos pelo operador de Progressivo ou no contexto de orações com *quando*, na medida em que lhes está associada uma localização temporal, o DP sujeito deixa de poder receber uma interpretação de espécie (cf. (34)-(37)).

(34)#O(s) lobo(s) está/estão a ser agressivo(s). (leitura de espécie)

(35)#O(s) coelho(s) está/estão a ser guloso(s). (leitura de espécie)

(36)#Quando os cães os atacaram, os lobos foram agressivos. (leitura de espécie)

(37)#Quando viram o monte de cenouras, os coelhos foram gulosos (e por isso caíram na armadilha). (leitura de espécie)

Em síntese, a combinação das propriedades *i-level* e *s-level* com as propriedades faseável e não faseável permitem a caracterização dos predicados de estado ilustrada em (38).³

- (38) a. Estados *i-level* [- phase]: *ser largo, ser alto, ter olhos azuis,...*
b. Estados *i-level* [+ phase]: *ser preguiçoso, ser inteligente, ser simpático,...*

³ Note-se, contudo, que certos predicados de estado são híbridos, como acontece com *ser rico* e *ser famoso*.

- c. Estados *s-level* [- phase]: *estar avariado, ter 40 graus de febre, estar deitado,...*
- d. Estados *s-level* [+ phase]: *gostar, estar preocupado, ...*

Note-se finalmente que os eventos são em geral predicados (*s-level*), tipicamente faseáveis.

3 Combinações de factores lexicais e sintácticos que determinam diferentes tipos de leituras

Vejamos de que modo a tipologia de predicados acima apresentada, em combinação com outros factores de natureza gramatical, determina diferentes tipos de leitura dos DPs sujeito e das frases.

(i) *Predicados de espécie [k-level] e leituras de espécie*

Os predicados de espécie são tipicamente predicados de estado [+ *state*], que não admitem pretérito perfeito (cf. (39)-(40) vs. (41)).

- (39) As baleias são uma espécie em vias de extinção.
- (40) Os dinossauros eram herbívoros.
- (41)* Os dinossauros estiveram extintos.

Este tipo de predicado, quando combinado com DPs sujeito específicos, só viabiliza uma leitura de frase caracterizadora (cf. (39)-(40) vs. (42))

- (42) O *Bugs Bunny* é herbívoro.

(ii) *Predicados de indivíduo [i-level] não faseáveis, leituras de espécie e caracterizadora*

Os predicados de indivíduo não faseáveis são predicados de estado [+ *state*], não admitem progressivo e dificilmente ocorrem no pretérito perfeito (cf. (43)-(44) vs. (45)).

- (43) Os arranha-céus são altos.
- (44) Os Vikings eram altos.

(45) */?Os Vikings foram / *estão a ser altos.⁴

Quando combinados com DPs sujeito específicos, só viabilizam uma leitura de frase caracterizadora (cf. (43)-(44) *vs.* (46)); pelo contrário, quando combinados com *estar*, apenas viabilizam uma leitura episódica relativa a um ‘*stage*’ (cf. (47)).

(46) O meu primo tem/ tinha olhos azuis.

(47) O meu primo está alto.

(iii) *Predicados de indivíduo [i-level] faseáveis, leituras de espécie, caracterizadora e existencial*

Os predicados de indivíduo faseáveis são predicados de estado [+ *state*]. Quando combinados com pretérito perfeito e progressivo, só viabilizam uma leitura relativa a um ‘*stage*’ (cf. (48)-(49) *vs.* (50)-(51)), ou seja o DP sujeito recebe necessariamente uma interpretação específica.

(48) Os lobos são agressivos.

(49) Os dinossauros eram pacíficos.

(50) Os lobos foram agressivos.

(51) Os lobos estão a ser agressivos

Quando combinados com DPs sujeito específicos, estes predicados viabilizam (a) uma leitura de frase caracterizadora, se a forma verbal for presente ou imperfeito (cf.(48), (49) e (52)), e (b) uma leitura relativa a um ‘*stage*’, se no pretérito perfeito ou no progressivo (cf. (50), (51) e (53)).

(52) O meu primo é agressivo / era agressivo em solteiro.

(53) O meu primo foi agressivo.

Quando combinados com *estar*, só viabilizam uma leitura episódica relativa a um ‘*stage*’ (cf. (54)).

(54) Os lobos / O meu primo estão / está agressivo(s).

(iv) *Predicados de fase [s-level] e leituras caracterizadora e existencial*

⁴ É possível aceitar uma frase como “Os Vikings foram altos”. Neste caso a leitura é a de que os Vikings deixaram de ter a propriedade de ‘ser altos’ (Oliveira 2004).

Quando os predicados de fase [*s-level*] são predicados de estado não faseáveis, não admitem progressivo (cf. (55)) e determinam tipicamente leituras existenciais (cf. (56), (57)).

- (55)* O meu primo está a ter 40.º graus de febre.
- (56) Os leões estão deitados ao sol.
- (57) A televisão está avariada.

Quando se encontram no escopo de operadores de habitualidade, estes predicados induzem leituras caracterizadoras (cf. (58)).

- (58) A televisão está constantemente avariada.

Quando os predicados de fase são predicados de estado faseáveis, admitem o progressivo (cf. (59)) e determinam tipicamente leituras existenciais (cf. (60), (61)).

- (59) O Rui está a gostar da escola.
- (60) Os portugueses gostaram da viagem.
- (61) O Rui gostou do filme.

Quando afectados por operadores de habitualidade como o tempo presente, estes predicados induzem leituras caracterizadoras (cf. (62), (63)).⁵

- (62) Os coelhos gostam de cenouras.
- (63) A Maria gosta de perfumes.

Finalmente, quando os predicados de fase são predicados de evento, são tipicamente faseáveis (cf. (64)) e induzem tipicamente leituras existenciais / episódicas (cf. (65), (66)).

- (64) Come a sopa! / Guia mais devagar! / Chega a horas!
- (65) Os coelhos comeram as cenouras.
- (66) O meu primo comeu a sopa.

No entanto, quando combinados com operadores de habitualidade, estes predicados induzem leituras caracterizadoras genéricas (cf. (67)-(68)).

⁵ O tempo presente é tipicamente associado a eventos para obter uma leitura caracterizadora pela transformação daqueles em estados habituais. Porém, o facto de estes predicados de fase serem faseáveis (o que os aproxima de eventos) permite que o tempo presente possa ser usado para uma tal leitura.

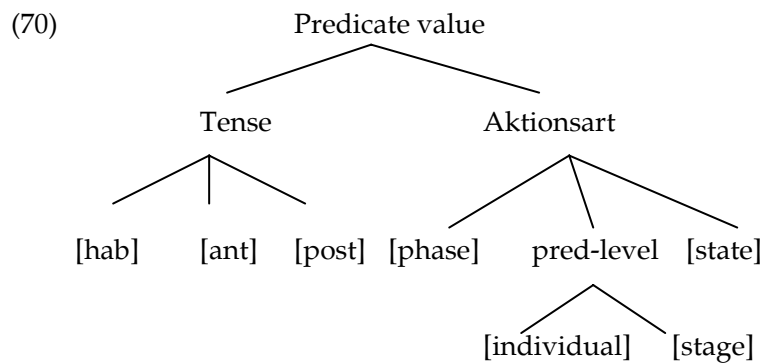
- (67) Os coelhos comem cenouras.
 (68) O meu primo come sopa ao jantar.

4 A geometria proposta

As possibilidades de combinação descritas na secção anterior podem ser captadas através de uma geometria para as categorias *Aktionsart* e *Tense*, categorias cuja combinação define os valores do nó sintáctico T'. Ao valor de *Aktionsart* e de *Tense* atribuído pela geometria a tal nó chamamos *Predicate value*.

Na geometria proposta em (70), os traços binários são os apresentados em (69):

- (69) ▶ [hab] indutor de habitualidade
 ▶ [ant] anterior, traço temporal de anterioridade
 ▶ [post] posterior, traço temporal de posterioridade
 ▶ [phas] faseável, traço que distingue predicados faseáveis de não faseáveis
 ▶ [individual], [stage] são valores do nó de classe *Predicate-level*
 ▶ [state] é o traço que distingue predicados de estado de predicados de evento



A geometria proposta em (70) é acompanhada das seguintes implicações de eliminação de redundâncias, relativas, respectivamente, aos nós de classe *Tense* (71) e *Aktionsart* (72):

- (71) [+ ant] → [-post]
 [+post] → [-ant]
 (72) [-state] → [+phas]

Esta geometria permite a caracterização lexical de *Aktionsart* dos predicados apresentada em (73)-(78), e a caracterização dos tempos presente, imperfeito e pretérito perfeito apresentada em (79)-(81):

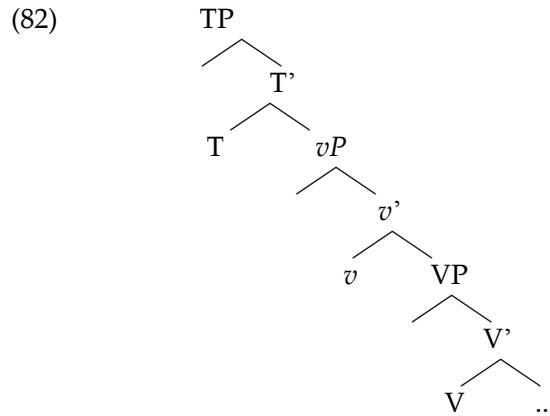
- (73) *kind-level*, e.g. (*estar*) *extinto*:
[+ state], [- ind], [- stage]
- (74) *individual-level* não faseáveis, e.g., (*ser*) *alto*:
[+ state], [+ ind], [- stage], [- phas]
- (75) *individual-level* faseáveis, e.g., (*ser*) *cuidadoso*:
[+ state], [+ ind], [- stage], [+ phas]
- (76) *stage-level* de estado não faseáveis, e.g., (*estar*) *avariado*:
[+ state], [- ind], [+ stage], [- phas]
- (77) *stage-level* de estado faseáveis, e.g., *gostar*:
[+ state], [- ind], [+ stage], [+ phas]
- (78) *stage-level* de evento, e.g., *comer*:
[- state], [- ind], [+ stage]
- (79) presente: [+ hab], [- ant], [post]
- (80) pretérito perfeito: [hab], [+ ant]
- (81) pretérito imperfeito (valor temporal): [+ hab], [+ ant]

5 Derivações sintáticas: Agree e interpretação.

Tendo em conta que as propriedades dos predicados e o tempo verbal são factores condicionantes da interpretação do DP sujeito, vejamos de que modo tais factores são computados na derivação sintáctica

Dada a geometria em (70), propomos que o valor do predicado (*predicate-value*) é obtido pela combinação dos valores dos nós de classe *Aktionsart* e *Tense*.

Assim, assumindo a estrutura da frase apresentada em (82) os traços de *Aktionsart* são determinados ao nível de VP. A subida de V para *v* garante que *vP* herda os traços de *Aktionsart*. Por sua vez, os traços de *Tense* são associados ao núcleo funcional T, que os transmite ao *vP* por *Agree* sob *c*-comando ou que *v* recebe através da subida de *v*-para-T:



De acordo com esta hipótese, vejamos quais as propriedades do predicado que determinam leituras de espécie, caracterizadoras e existenciais do DP sujeito.

Consideremos em primeiro lugar os traços de Aktionsart, definidos a nível de VP e herdados por *vP*.

A *leitura de espécie* é obtida quando os predicados são *k-level*, i.e., têm as propriedades indicadas em (i) (cf. (83)), são *i-level* não faseáveis, i.e., têm as propriedades descritas em (ii) (cf. (84)) ou são *i-level* faseáveis, ou seja, têm as propriedades explicitadas em (iii) (cf. (85)).

(i) *k-level*: [+ state], [-ind], [-stage]

(83) As baleias são uma espécie em vias de extinção.

(ii) *i-level* não faseáveis: [+ state], [+ind], [-stage], [-phas]

(84) Os arranha-céus são altos.

(iii) *i-level* faseáveis: [+ state], [+ind], [-stage], [+phas]

(85) Os golfinhos são inteligentes.

A *leitura caracterizadora* é obtida quando os predicados são *k-level*,⁶ caracterizando-se como indicado em (i) acima (cf. (86)), são *i-level* não faseáveis, caracterizando-se como explicitado em (ii)

⁶ Note-se, no entanto, que só em casos excepcionais é que os predicados *k-level* admitem uma leitura caracterizadora, pois tipicamente atribuem uma leitura de espécie.

acima (cf. (87)), são *i-level* faseáveis, caracterizando-se como descrito em (iii) acima (cf. (88), (89)), ou são *s-level*, caracterizando-se como expresso em (iv) (cf. (90)-(92)).

- (86) O *Bugs Bunny* é herbívoro.
- (87) O meu primo tem olhos azuis.
- (88) O meu primo é agressivo.
- (89) Estes lobos são agressivos.

(iv) *s-level*: [+ stage]

- (90) A televisão está constantemente avariada.
- (91) Os coelhos gostam de cenouras.
- (92) Os coelhos comem cenouras.

As leituras de espécie e caracterizadora distinguem-se não só pelo valor de *Aktionsart* do predicado mas também pela informação [\pm específico] do DP sujeito. Assim, quando o DP sujeito é [-específico], obtém-se uma leitura de espécie (cf. (93)); quando é [+específico], obtém-se uma leitura caracterizadora (cf. (94)).

- (93) As baleias são uma espécie em vias de extinção.
- (94) O *Bugs Bunny* é herbívoro.

A *leitura existencial* é obtida quando os predicados são *s-level*, caracterizando-se como indicado em (iv) acima (cf. (95)-(97)), ou são *i-level* faseáveis, caracterizando-se como descrito em (iii) acima (cf. (98)).

- (95) Os leões estão deitados ao sol.
- (96) Os portugueses gostaram da viagem.
- (97) Os coelhos comeram as cenouras.
- (98) Os lobos foram agressivos.

Contudo, a informação proveniente de *Aktionsart* não é suficiente para distinguir as leituras do DP sujeito, uma vez que predicados *k-level* e *i-level* não faseáveis podem induzir tanto leituras de espécie como leituras caracterizadoras e predicados *s-level* podem induzir leituras caracterizadoras e existenciais.

Assim, as propriedades de *Tense* que são transmitidas ao *vP* por T são cruciais para a interpretação do DP sujeito. Formulemos a hipótese explicitada em (99):

- (99) Hipótese sobre a interacção entre *Tense* e *Aktionsart*:
- (i) Os predicados *k-level* e *i-level* não faseáveis só se combinam com Tense [+ hab] (cf. (100)-(101));
 - (ii) Os predicados *s-level* e *i-level* faseáveis combinam-se com Tense [- hab] ou [+ hab] (cf. (102)-(105)).

Note-se que o Presente e o Pretérito Imperfeito possuem obrigatoriamente o valor [+hab], valor que também pode caracterizar itens lexicais não verbais (*constantemente*), o que mostra a transversalidade deste traço numa geometria mais alargada do que a proposta em (70). Nos exemplos apresentados, os valores de *Aktionsart* associados a predicados *k-level* e *i-level* não faseáveis induzem obrigatoriamente o traço [+ hab], variando apenas no valor do traço [ant]

(100) *Os dinossauros estiveram extintos.

(101) *Os Vikings foram altos.

(102) O meu primo comeu maçãs ao almoço.

(103) O meu primo come maçãs ao almoço.

(104) O micro-ondas esteve avariado ontem.

(105) O micro-ondas está avariado.

Em síntese, predicados *k-level* e *i-level* combinados com o traço [+hab] induzem leituras de espécie ou caracterizadora em função do traço [- específico] ou [+ específico] do DP sujeito. Predicados *s-level* induzem uma leitura existencial quando combinados com o traço [- hab] e uma leitura caracterizadora quando combinados com o traço [+ hab]. Ou seja, o traço [hab], combinado com *Aktionsart*, distingue as três leituras do DP sujeito

A oposição entre leituras de espécie ou caracterizadora, por um lado, e leitura existencial, por outro, leva-nos a propor que estas leituras sejam atribuídas ao DP sujeito em diferentes momentos da derivação sintáctica.

No caso das *leituras de espécie e caracterizadora*, o DP sujeito sobe para [*Spec*, TP]; *Move* envolve obrigatoriamente arrastamento do material lexical do DP sujeito para [*Spec*, TP], o que prediz correctamente a impossibilidade da ordem VS sempre que o traço [+ hab] está activo (cf. (105)-(109)).

(105) *São as baleias inteligentes.

(106) *Tem o João olhos azuis.

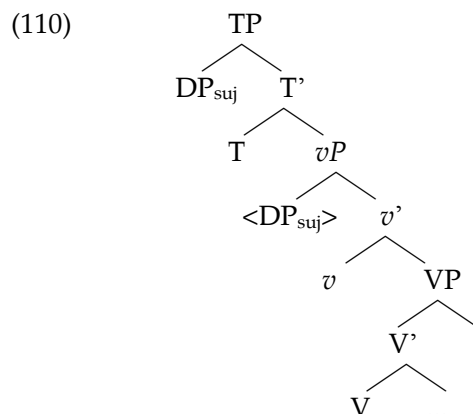
(107) *É o João português.

(108) *Gosta a Maria de perfumes.

(109)*Comem os coelhos cenouras.

Move do DP sujeito é desencadeado não só por outras razões que se prendem com a Sintaxe estrita, mas também pela presença de [+ hab]: estando o traço [hab] representado na estrutura e tendo um valor positivo, este traço é activo, pelo que desencadeia ou bloqueia operações. Por exemplo, no caso de (87) ou (93), o traço [+ hab] desencadeia o movimento do DP sujeito e bloqueia a leitura existencial.

As leituras em questão são obtidas por *Agree*, numa relação *Spec-H* (em que H=T), como se mostra em (110).

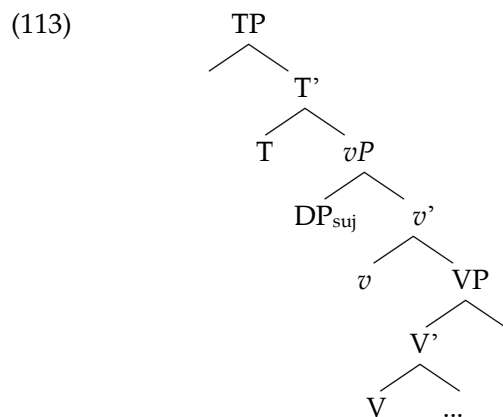


No caso da leitura existencial, o DP sujeito pode ocorrer em posição pré- ou pós-verbal, como mostram os exemplos (111) e (112).

- (111)a. Os espectadores gostaram do filme.
 b. Gostaram os espectadores do filme.
 (112)a. Os coelhos comeram as cenouras.
 b. Comeram os coelhos as cenouras.

Este facto sugere que a leitura existencial é atribuída quando o DP sujeito se encontra em [Spec, *vP*] (cf. a derivação apresentada em (113). Quando *Move* envolve o arrastamento lexical do DP sujeito para [Spec, TP], o movimento é motivado por razões de Sintaxe estrita, contrariamente ao que acontece quando são derivadas as leituras de espécie e caracterizadora. Ou seja, na leitura existencial, [hab] é inerte, pelo que não é ele o desencadeador do movimento

do DP sujeito. Quando o DP se mantém em posição pós-verbal, os traços de natureza sintáctica são verificados sob c-comando de T.



6 Conclusões

Defendemos neste trabalho as seguintes hipóteses:

- (i) Em conformidade com a geometria apresentada em (70), o valor do predicado (*predicate-value*) decorre do cruzamento da informação proveniente do nó de classe *Tense* com a do nó de classe *Aktionsart*.
- (ii) *Tense* encontra-se associado ao nó funcional T e os seus valores são transmitidos a *vP* por *Agree* sob c-comando; *Aktionsart* é definida ao nível de VP e percola para *vP*, por movimento de V para *v*.
- (iii) A leitura dos DPs sujeito é determinada pelo valor do predicado, que envolve a informação de *Tense* e *Aktionsart*:
 - a) leitura de espécie: disponível com predicados *k-level* ou *i-level*, desde que o DP sujeito tenha o traço [- específico]; o traço [+hab] está obrigatoriamente presente.
 - b) leitura caracterizadora: disponível com qualquer predicado, desde que [+ hab] esteja presente na estrutura e o DP sujeito tenha o traço [+ específico].
 - c) leitura existencial: disponível com predicados *s-level* e *i-level* faseáveis, desde que o traço [- hab] esteja presente na estrutura.
- (iv) Embora *Aktionsart* seja relevante para a computação do significado do DP sujeito, o traço [hab] é determinante para a distinção entre leituras, ou seja, se [+ hab], então, leituras de es-

pécie ou caracterizadora; do mesmo modo, se [- hab], então leitura existencial.

- (v) As leituras do DP sujeito obtêm-se em diferentes momentos da derivação: em [*Spec*, TP], para as leituras de espécie e caracterizadora (ordem SV obrigatória); em [*Spec*, vP], para a leitura existencial (ordens SV e VS possíveis).
- (vi) *Agree* opera numa configuração *Spec*-H ou por c-comando. A leitura existencial exige sempre c-comando local de T.

Finalmente, como Costa *et al* (2002) mostraram, a hipótese de Diesing (1992) faz predições incorrectas para as línguas românicas de sujeito nulo. De acordo com as hipóteses avançadas neste trabalho, numa língua como o português europeu, a proposta de Diesing (1992) faz as predições adequadas relativamente às leituras de espécie e caracterizadora, não sendo, contudo, o traço de especificidade o detonador do movimento do DP sujeito para *Spec*,TP, mas sim a presença do traço [+ hab]. No que respeita à leitura existencial, ela é induzida pela presença do traço [- hab], e obtêm-se tanto quando o DP sujeito ocorre em posição pré-verbal como quando ocupa uma posição pós-verbal.

Referências

- ALEXANDRE, N. & VERDIAL SOARES, N., 2004, “The Functional Domain of the Nominal System in Cape Verdean Creole. The Puzzle of Bare Nouns”, comunicação apresentada ao *Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*, Lisboa, UNL.
- CARLSON, G., 1977, *Reference to Kinds in English*. Ph.D. dissertation, University of Massachusetts, Amherst. Editado em 1980 por Garland Press, New York.
- CHIERCHIA, G., 1995, “Individual-Level Predicates as Inherent Generics” in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press. pp.176-223.
- CHOMSKY, N., 2001, “Derivation by Phase”, in Kenstowicz, M. (org.) *Ken Hale A Life in Language*. Cambridge, Mass: the MIT Press. pp. 1-52.
- COSTA, J. et alii, 2002, “Considerações sobre a Ordem VS e Sujeito Nulo em Português Europeu e Português Brasileiro”. Comunicação apresentada ao 3.º Workshop do Projecto “Português Europeu-Português Brasileiro na Viragem do Milénio”, Universidade de Lisboa.
- CUNHA, L. F., 1998, “Os Operadores Aspectuais do Português: contribuição para uma nova abordagem”, *Cadernos de Linguística*, nº1, Porto, CLUP, 38 pp.
- CUNHA, L. F., 2004. *Semântica das Predicações Estativas. Para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto.
- DIESING, M, 1992, *Indefinites*. Cambridge, Mass: The MIT Press.

- DUARTE, I., FREITAS, M. J., GONÇALVES, A., MIGUEL, M. & RODRIGUES, C., 2002. *Geometria de Traços e Distribuição de Pronomes Sujeito em PE e em PB*. Comunicação apresentada ao 3.º Workshop do Projecto “Português Europeu-Português Brasileiro na Viragem do Milénio”, Universidade de Lisboa.
- HARLEY, H & RITTER, E, 2000, “Structuring the Bundle: A Universal Morphosyntactic Feature Geometry”. A publicar em Weise & Simon (orgs.) *Pro-nouns*. Elsevier Press.
- KISS, K. É, 1998, “On Generic and Existential Bare Plurals and the Classification of Predicates” in Rothstein, S. (org.) *Events and Grammar*, Dordrecht: Kluwer. Pp.145-162.
- KRATZER, A., 1995, “Stage-Level and Individual-Level Predicates” in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press.p.125-175.
- KRIFKA, M., et al., 1995, “Genericity: An Introduction” in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press.p.1-124.
- OLIVEIRA, F., 2004 “O Imperfeito e o tempo dos indivíduos” in Oliveira, F. e Duarte, I. M. (orgs.) *Da Língua e do Discurso*, Porto: Campo das Letras, pp. 505-528.
- OLIVEIRA, F. e CUNHA, L. F., 2003, “Termos de Espécie e Tipos de Predicados”, in *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*, Porto: CLUP. Pp. 57-78.